

Resumo do relatório de pesquisa

(Re)conhecendo a agroecologia feminista

Agroecossistemas e redes das agricultoras do Vale do Ribeira (SP, Brasil)

Autoras: Alexandra Filipak, Gláucia Marques, Kas Sempere, Miriam Nobre, Natália Lobo, Sheyla Saori e Vivian Franco.





Resumo do Relatório de Pesquisa

(Re)conhecendo a agroecologia feminista - agroecossistemas e redes das agricultoras do Vale do Ribeira (SP, Brasil)

Alexandra Filipak, Gláucia Marques, Kas Sempere, Miriam Nobre,
Natália Lobo, Sheyla Saori e Vivian Franco

A pesquisa “(Re)conhecendo a agroecologia feminista” foi desenvolvida pela Sempreviva Organização Feminista (SOF) e Christian Aid¹, em parceria com a Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras da Barra do Turvo (RAMA), no período entre agosto de 2020 e setembro de 2021.

As reflexões que constam no relatório de final – que baseia este resumo – buscam responder à pergunta organizadora da pesquisa: *“De que maneira as mulheres agricultoras organizadas, manejando agroecossistemas de forma agroecológica (incluindo produção, transformação e comercialização), contribuem para a igualdade de gênero, a manutenção dos modos de vida das comunidades, o cuidado com a natureza e a construção da soberania alimentar?”*

Neste resumo apresentamos brevemente cada parte do documento e inserimos a conclusão na íntegra, como uma apresentação dos achados da pesquisa.

O texto se inicia com o contexto do Vale do Ribeira e os antecedentes da agroecologia feminista, como a construção de movimentos sociais que repercute em políticas públicas. Segue com a apresentação da metodologia utilizada, que sofreu adaptações pelo fato de a pesquisa ter sido realizada durante a pandemia da COVID-19. Também foram apresentados os critérios usados para definir as agricultoras de quatro unidades de produção agroecológica que participaram diretamente do processo. Em seguida são apresentados os resultados organizados nas seguintes partes: “Breve apresentação das agricultoras participantes”; “Diversidade e percepções das agricultoras sobre o espaço”; “Como elas constroem a fertilidade do solo”; “Manejo agroecológico na produção de plantas e animais”; “Transformação dos alimentos para autoconsumo e comercialização”; “Comercialização”; “Construção do Conhecimento agroecológico”; “Conclusão”.

[1] Esta pesquisa integra o projeto “Strengthening rural women's agroecosystems and networks to build alternatives to poverty and vulnerability in Brazil” apoiado pelo Fundo Newton do Conselho Britânico.



Em relação à caracterização do Vale do Ribeira, é notável que esse é um território de rica sociobiodiversidade, atravessado historicamente por diferentes ciclos econômicos e construções de grandes empreendimentos de infraestrutura, trazidos por projetos de desenvolvimento. Também são marcantes as mobilizações contra muitos desses projetos por parte das comunidades, e a criação de uma forma específica de organizar as unidades de conservação do território (o Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga – MOJAQ) que abarca diferentes modos de vidas. Junto disso, se deu a criação de muitas iniciativas que promovem a agroecologia e uma forma harmônica de lidar com a natureza dentre as comunidades da região. Essas iniciativas, ainda que muito importantes e transformadoras, nem sempre reconhecem as necessidades e saberes das mulheres como parte importante de sua construção.

A atuação da SOF no território está ligada a essa necessidade, e esta pesquisa vem no sentido de visibilizar e dar elementos que auxiliem a criação de uma forma feminista de construir a agroecologia. Para isso, se inspira não só na realidade das próprias mulheres do Vale do Ribeira, mas também em uma série de construções do GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) que são apresentadas no relatório. Ressalta-se que a atuação da SOF com a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no Vale do Ribeira se iniciou por conta da construção de políticas públicas de fortalecimento da autonomia econômica das mulheres rurais entre 2003 e 2015 por parte do governo federal, na figura da Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (DPMR/MDA). O envolvimento da SOF com a construção dessas políticas influenciou diretamente na forma como o acompanhamento dos grupos de mulheres do Vale do Ribeira foi feito pela organização. O mesmo pode ser dito sobre as alianças da organização com institutos de pesquisa e outros coletivos e movimentos, como os que constroem tecnologias livres.

Em relação à metodologia, foram escolhidas quatro unidades familiares de mulheres da RAMA com diferentes perfis para participarem diretamente da pesquisa. Os nomes das agricultoras foram substituídos por pseudônimos, escolhidos por elas mesmas, para garantir sigilo e proteção das pessoas envolvidas. Enquanto os diálogos sobre a pesquisa se davam com a RAMA, também houve consultas e reuniões com cinco pesquisadoras²,

[2] Alexandra Filipak, Christine Verschuur, Emma Siliprandi, Isabelle Hillenkamp e Marta Rivera



pesquisa. Os instrumentos de pesquisa foram posteriormente adaptados conforme protocolos de prevenção, dado o cenário da pandemia da COVID-19 e o devido distanciamento social.

A revisão bibliográfica foi organizada em eixos temáticos: História da Agroecologia Feminista do Brasil; as Contribuições da Economia Feminista à Agroecologia; Quilombolas e Igualdade Racial; e Práticas Agroecológicas. Além disso, o percurso de pesquisa foi baseado nos métodos da Observação Participante e contou com uma visita guiada pelos agroecossistemas e com o desenho de um croqui feito pelas agricultoras; além de uma entrevista semi-estruturada e da análise de solo (química e cromatografia de Pfeiffer).

Após uma descrição detalhada da trajetória e do modo de vida e trabalho de cada agricultora, o relatório contém uma caracterização de cada agroecossistema. Na sequência, há uma seção que se detém sobre a diversidade e a percepção das agricultoras sobre seu agroecossistema, reflexão que busca demonstrar o espaço de atuação das agricultoras e a organização dos tempos, marcados pela divisão sexual do trabalho e a sazonalidade da produção.

A seção “Construindo a fertilidade do solo” apresenta os achados provenientes das análises de solo. Ficou demonstrado que a concepção das agricultoras a respeito da fertilidade se baseia em sua prática diária; na ancestralidade e nos aprendizados passados entre gerações; nos aprendizados trocados pelos grupos dos quais fazem parte; e, além disso, nas experiências adquiridas nos projetos de assistência técnica e também na troca de saberes nas feiras agroecológica das quais elas participam.

A seção sobre o Manejo agroecológico se deteve nos conhecimentos que as mulheres aplicam diariamente na agricultura ou no trato com os animais. As práticas trazidas pelas agricultoras foram centralmente aquelas que têm relação com o manejo do solo, o que demonstra que a construção da fertilidade é um trabalho e uma sabedoria comum entre as mulheres, a qual está sempre em evolução e que tem importância central para seu modo de fazer agricultura.

A seção sobre a transformação dos alimentos demonstra que as mulheres agricultoras têm práticas muito diversas nesse campo. No geral, pode-se dizer que há algumas práticas que se repetem, não necessariamente entre todas as participantes da pesquisa, mas em pelo menos mais de uma: o uso de diversas plantas (cultivadas e espontâneas) para fins medicinais; a presença de técnicas de desidratação e moagem (de café, arroz, de açafrão-da-terra e colorau, por exemplo); o costume de, durante o trabalho, colher alimentos que enriquecem as refeições cotidianas; as diferentes influências que receberam para consolidar seus modos de transformar os alimentos; e a prática de transformar alimentos também para a comercialização, além do autoconsumo.



A comercialização foi abordada enquanto prática social promovida pelas mulheres, entendida como um processo que envolve a organização da produção e tomadas de decisão que abarcam o manejo da diversidade e a situação financeira das agricultoras. Elas acessam diferentes mercados, que dependem de diferentes tipos de relação interpessoal e assumem variados tipos de caráter político. A comercialização solidária tem papel importante dentre as formas de comercialização das mulheres, e envolve a construção de relações, como as trocas de conhecimentos, os intercâmbios e a construção de laços e solidariedade, que buscam não gerar sobrecarga de trabalho e fortalecer as relações econômicas não monetárias.

Por fim, na investigação acerca da construção do conhecimento agroecológico das mulheres, percebeu-se que essa se dá de diversas formas: com a transmissão de conhecimento familiar entre as gerações; através de cursos; pela experimentação e observação nos encontros da rede de agricultoras; por meio de pesquisas na internet; mediante acompanhamento de assistência técnica, etc. As mulheres também demonstraram possuir conhecimentos em muitos “campos” diferentes da agroecologia: no manejo do solo; em relação ao cultivo, preparo e uso de plantas medicinais; na transformação de alimentos; na produção de artesanatos; no cuidado com os animais e plantas; na identificação botânica, entre outros.

CONCLUSÃO

A pesquisa trouxe conhecimentos relacionados ao modo de vida, trabalho e relação com a natureza de agricultoras da RAMA e buscou levantar aspectos que demonstraram que, na relação de trabalho através do manejo agroecológico de agroecossistemas, as mulheres contribuem com a construção de uma igualdade de gênero nas relações sociais estabelecidas, com a manutenção dos modos de vida das comunidades, com o cuidado da natureza e com a construção da soberania alimentar.

Esses aspectos, demonstrados através da pesquisa, formam um conjunto de conhecimentos relacionados às construções agroecológicas por mulheres, que indicam o feminismo agroecológico como um sujeito político, econômico e social.

Em termos de metodologia utilizada durante a pesquisa, é importante destacar que a participação das agricultoras e das pesquisadoras em organizações de mulheres como a RAMA e a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), permitiu que a pesquisa fosse desenvolvida de forma participativa e que o conhecimento se desse de forma coletiva.



Isso fica claro, por exemplo, através da escolha de manter a denominação dos agroecossistemas da forma como as agricultoras se referem a eles. Essa foi uma escolha baseada na importância de representar o cotidiano das mulheres, respeitando sua ancestralidade, intimidade e confiança, bases da construção do conhecimento agroecológico feminista. Também se buscou fazer com que esse conhecimento produzido pudesse ser reelaborado pelas agricultoras, contribuindo com seus processos de desenvolvimento de autonomia e suas inserções nas relações sociais e no mundo do trabalho.

Os estudos se iniciam com o contexto do Vale do Ribeira e os antecedentes da agroecologia feminista, como a construção de movimentos sociais que repercute em políticas públicas. A Economia Feminista, o Feminismo Negro e o Ecofeminismo são chaves teóricas, analíticas e metodológicas centrais nesse trabalho. A partir dessas formulações, a crítica a como a economia é organizada hoje, de forma hegemônica, e o modo como se organizam as alternativas econômicas das mulheres caracterizam teoricamente essa pesquisa, que revela que a vida se sustenta na natureza, no cuidado realizado no âmbito doméstico e comunitário. Nesse sentido, a economia tem a vida no centro, e não o capital. As atividades econômicas caracterizadas aqui no caso das quatro agricultoras são desmercantilizadas, geradoras de vida, educação, saúde e alimentação.

Com relação à conservação da natureza e à promoção da soberania e segurança alimentar, os resultados desse trabalho que tratam da diversidade e das percepções das agricultoras sobre o espaço, de como elas constroem a fertilidade do solo e sobre o manejo agroecológico na produção de plantas e animais, trazem conhecimentos relacionados ao papel desenvolvido pelas mulheres na agroecologia a partir de seus saberes no cultivo da terra e no manejo dos agroecossistemas. Pode-se observar com a pesquisa que as mulheres têm uma produção de alimentos diversa, contendo em seus locais de produção, além de alimentos, uma diversidade de plantas que compõem um mosaico de conservação, ou seja, a agroecologia feita por essas agricultoras tem como centro a diversidade. Foi identificado que as agricultoras possuem muitos conhecimentos e práticas aplicados para manter essa diversidade que se materializa nos agroecossistemas, resultando em resiliência ambiental-agroecológica, climática, soberania e segurança alimentar e nutricional.

As agricultoras apresentaram diferentes formas de cultivar seus alimentos, variando conforme sua ancestralidade, trajetória de vida, conhecimentos trocados e de acordo com as plantas que mais gostam de cultivar e que se adaptam a sua realidade, conforme o tipo de solo, as ferramentas que utilizam e os tempos disponíveis entre a atividade agrícola, demais atividades e lazer.



Entretanto, elas apresentaram, no manejo dos solos diário comum, a troca constante de cuidado com a natureza, fazendo uso prioritário dos insumos disponíveis, os quais são criados por elas mesmas em seus próprios manejos, como mudas e sementes, por exemplo, e somam-se a solos férteis, cobertos com ampla diversidade genética e nutricional.

A retomada ou expansão do cultivo de arroz, prática tradicional do Vale do Ribeira que vem perdendo espaço nos últimos anos, convive com inúmeros desafios. Agricultoras da RAMA relatam que os passarinhos comem toda a plantação e o penoso trabalho de tirar a casca no pilão. Como a produção é pequena, não vale a pena processar a limpeza em uma descascadora, máquina que não existe em nenhuma das associações do município. No entanto, provavelmente foi um passarinho quem plantou a variedade “governinho do talo roxo”, a qual brotou em frente à casa de um senhor quilombola que a procurava há vários anos. A sobrinha atribuiu o acontecimento a uma dádiva. Dessa única planta, a família quilombola produziu sementes que compartilhou na troca de sementes da RAMA em agosto de 2021. Essas movimentações em torno ao cultivo do arroz ocorrem em uma região que foi grande produtora no século XIX e onde ainda hoje há ocorrência de variedades selvagens em roças tradicionais (*Oryza spp*) (VEASY et al. 2001). Elas acontecem em um período de intenso aumento no preço do arroz (quase 70% entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2021)³, o que mobilizou o interesse das mulheres em voltar a cultivar coletivamente, para dividir o tributo aos passarinhos, e a plantar em épocas nas quais as matas produzem frutos que os passarinhos gostam, para distraí-los e sobrar mais arroz para colher.

Ainda que a retomada do cultivo do arroz seja modesta e de maior preocupação por parte das mulheres, ela se situa na afirmação do arroz e do feijão como base da alimentação tradicional no Brasil, em oposição a uma transição alimentar para produtos ultraprocessados com base em trigo e soja, e à ausência de políticas de estoques reguladores por parte do governo federal. As frutas e tubérculos produzidos pela RAMA que chegam a pessoas em vulnerabilidade, como estudantes privados de alimentação escolar, mães solo ou trabalhadores desempregados, por meio dos coletivos de doação, integram as iniciativas da sociedade civil, que resistem ao aumento da insegurança alimentar durante a pandemia. O resgate de sabores e texturas e de uma cultura alimentar ancestral traça linhas de continuidade entre as agricultoras da Barra do Turvo e populações periféricas no sentido da soberania alimentar.

[3] Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/03/23/entenda-por-que-o-arroz-continua-carro-mesmo-com-a-queda-na-inflacao-mensal.ghtml>. Acesso em: 14 out 2021.



A comercialização, em aliança com grupos de consumo responsável em Registro e na Grande São Paulo, busca acolher a diversidade produzida por esse tipo de agricultura. No CSA (Comunidade que sustenta a agricultura) em que Rosa participa, a diversidade é valorizada na composição das cestas com diferentes verduras e legumes, incluindo PANCs (plantas alimentícias não convencionais). Na comercialização realizada pela RAMA, Valda tem boa participação graças à variedade de produtos que oferta, incluindo diversas variedades de chuchus, bananas e raízes (banana da terra, banana prata, inhame rosa, cará mandioca, cará angola, batata doce-cenoura). Valda e Daluz também transformam produtos ampliando a diversidade do que é ofertado. No caso dessas agricultoras, a diversidade está na produção, na transformação e na comercialização. A variedade de produtos ofertados pela RAMA é uma das razões pelas quais grupos de consumo e coletivos de doação de alimentos buscam comprar da rede (HILLENKAMP; LOBO, 2021). Ao mesmo tempo, o aumento da demanda permitiu a ampliação de áreas de cultivo, o uso de sementes de arroz e feijão guardadas e não utilizadas em safras anteriores, incluindo o resgate de pelo menos uma variedade de arroz.

Com relação à igualdade de gênero, é possível destacar – a partir da análise do contexto social e da história das agricultoras na relação com a família e a comunidade, no trabalho e nas organizações coletivas das quais elas fazem parte – que houve diferentes mudanças nas relações de gênero a partir do momento em que elas desenvolvem certa autonomia na produção e comercialização de alimentos.

Os resultados demonstram, por exemplo, que Valda combina trabalho produtivo com os trabalhos de cuidado passados para a geração dos filhos e netos. O trabalho produtivo é desenvolvido com a família e outras mulheres, coletivamente, em mutirões, o que traz para a pesquisa a percepção de que, mesmo ela ainda se ocupando com os cuidados de forma não equilibrada na família, o trabalho coletivo proporciona uma inserção produtiva, o que muda significativamente as relações na família e na vizinhança. A comercialização realizada a partir do envolvimento dela com a RAMA também cumpre o papel de mudança nas relações de gênero e no desenvolvimento, mesmo que gradual, da autonomia de Valda.

Ne, por sua vez, ainda é responsável pelo trabalho de cuidado do filho com deficiência e do neto mais novo. Esse cuidado é transferido de geração em geração e isso a limita nas atividades produtivas. Quando o trabalho de cuidado ainda pesa no papel assumido pela mulher, o desequilíbrio de gênero se mantém de forma visível.



Já a agricultora Daluz revela outras possibilidades de construção da igualdade de gênero, através da participação das mulheres nos estudos e no protagonismo do trabalho. A família da Daluz tem como valor central o estudo e esse garante que Daluz e a irmã trabalhem com os animais e a produção. Nessa família, há uma significativa alteração nas relações de gênero.

As quatro agricultoras que participaram da pesquisa têm em comum uma relativa autonomia quanto à tomada de decisões sobre sua produção. O ponto de partida para a construção dessa autonomia, que se fortaleceu com a participação delas na RAMA, deriva de diferentes situações. Ne e Rosa são as responsáveis adultas pela produção e pelo domicílio, sendo a primeira viúva e, a segunda, separada. Valda, embora casada e com desafios para se colocar em muitos aspectos da vida de forma autônoma, afirma-se na produção em uma aliança com a cunhada. Por fim, a jovem Daluz dispõe de uma área sob sua responsabilidade, devido a uma prática de sua família de atribuir áreas da propriedade do avô a seus diferentes integrantes. Ainda assim, chama a atenção que suas decisões sejam respeitadas, mesmo quando inicialmente aos olhos do avô pudessem parecer equivocadas. Para todas elas, o conhecimento que dispõe no fazer agricultura é um trunfo para sua autonomia, ao mesmo tempo que seu poder de decisão em experimentações lhes confere maior conhecimento. Ainda que o grau de autonomia e poder de decisão sobre áreas que manejam em conjunto com homens da família ou da comunidade seja variável, é bem menor do que em áreas demarcadas como de sua responsabilidade. O desenvolvimento da autonomia das mulheres é um indicador de igualdade de gênero. Dessa forma, o protagonismo das mulheres na produção agroecológica e sua comercialização é potencial importante para a construção da igualdade de gênero nas famílias e comunidades rurais.

A manutenção do modo de vida das comunidades, outro elemento de análise nesta pesquisa, se relaciona com a construção dos conhecimentos agroecológicos presente nos resultados. Isso significa dizer que as mulheres, com seus saberes e, sobretudo, práticas ancestrais, contribuem sobremaneira para que as tradições e modos de vida se mantenham nas comunidades rurais. Pode-se perceber essa afirmação em diversas descrições e caracterizações sobre a inserção das agricultoras nos agroecossistemas.



O conhecimento e a utilização de termos técnicos apontam para aprendizados institucionalizados na relação com a cooperativa ou com a assistência técnica, como são os adubos verdes introduzidos pela Cooperafloresta. O conhecimento de termos técnicos pode ser uma demanda das próprias agricultoras. Maria Rodrigues dos Santos (2020) relata como o estudo do livro *Árvores brasileiras* (LORENZI, 1992) por agricultores que iniciavam um projeto de implantação de Sistemas Agroflorestais (SAF) favoreceu sua apropriação do processo e alterações no modelo previamente desenhado pelos técnicos. Portanto, as nomenclaturas utilizadas pelas agricultoras guardam a descrição de práticas e espécies que poderiam de outra forma ser invisibilizadas e perdidas. Ao mesmo tempo que seu conhecimento e utilização de termos técnicos e nomenclaturas incorporadas na norma culta permite o diálogo em condições de maior horizontalidade com técnicos, pesquisadores e projetos de desenvolvimento no território.

O relatório apresenta uma extensa seção sobre a construção da fertilidade do solo feita pelas agricultoras. A partir da percepção das mulheres sobre o agroecossistema e da realização de análises químicas e cromatográficas, chegou-se a um panorama extenso em relação à construção do solo feita pelas mulheres. Os diferentes indicadores utilizados trouxeram diferentes tipos de percepção. Todos os instrumentos de análise escolhidos foram levados em consideração para avaliar a fertilidade do solo das mulheres, considerando que cada instrumento tem algo a dizer sobre o solo, e que nenhum deve ser tomado como mais relevante que o outro.

Juana Labrador (2008) nos chama a atenção para o fato de que não há, na área das ciências do solo, um consenso em relação ao que seria um “solo de qualidade”. Toda a vez em que se tenta chegar a essa definição, a conclusão é de que a “qualidade” sempre se refere a um contexto, e que sempre está condicionada à forma como aquele solo será trabalhado. A multifuncionalidade do conceito “qualidade do solo” faria então com que esse fosse difícil de ser aplicado de forma precisa. Nesta pesquisa, longe de considerar a imprecisão do conceito como um problema, buscou-se compreender o que cada agricultora entende por qualidade e, a partir disso, formular sobre o que as análises nos dizem.

A agricultora Ne, por exemplo, tem uma percepção positiva sobre uma de suas áreas de cultivo, que atualmente está em regime de pousio, pois essa área é de terra “preta” e tem um histórico de boa produção de determinados tipos de plantas. A análise cromatográfica dessa área é bastante positiva, representando um solo vivo e estruturado. No entanto, a análise química apresentou um pH relativamente baixo, o que poderia ser considerado um limitador para a produção, por representar alta acidez. Contudo, na prática, quando as mulheres manejam os agroecossistemas a partir deste saber perspicaz sobre “o que” plantar em cada área, um pH baixo não necessariamente se configura como um limitador da produção.



Essa foi uma constatação especialmente rica neste percurso de pesquisa, pois demonstra que a agroecologia feita pelas mulheres guarda sabedorias que confrontam o discurso das ciências agrárias hegemônicas, que tratam certos tipos de manejo como se fossem incontornáveis, como o uso recorrente de calcário em áreas de solo ácido. Nesse sentido, pode-se dizer que a agroecologia feita pelas mulheres se baseia em um profundo conhecimento sobre a construção da fertilidade dos solos e em uma grande intimidade com as plantas e com os ciclos naturais. Nesse tipo de agricultura, “o que” se planta “onde” e “quando” são variáveis importantíssimas, e que só são satisfatoriamente manejadas por mulheres que possuem tais conhecimentos. O resultado é uma forma de fazer agricultura que se preocupa com os processos naturais, ao passo que está inserida nos ritmos orgânicos dos demais seres; que diminui muito o uso de insumos e impacta muito menos outros recursos naturais, como a água.

Esta pesquisa-ação apresentou às agricultoras a técnica da Cromatografia de Solos como possibilidade de uma leitura mais ampla da vida no solo. Embora ganhe consistência com repetições ao longo do tempo, o diálogo aberto em torno do processo (definição das áreas de coleta) e dos resultados (observação coletiva dos padrões de cores e formas que expressam em geral solos com vida, bem manejados ou, ainda, nuances da evolução da saúde do solo e padrões de solo compactado, como a amostra retirada no terreiro da casa) também busca maior horizontalidade, troca de percepções, autonomia e controle das agricultoras sobre diagnósticos e projetos daí decorrentes.



Referências Bibliográficas

HILLENKAMP, Isabelle; LOBO, Natália. “Resiliência de agricultoras agroecológicas organizadas em rede: a experiência da RAMA face à pandemia da Covid-19”. In: NOBRE, Miriam et al (org.). **Um meio tempo preparando outro tempo**: cuidados, produção de alimentos e organização de mulheres agroecológicas na pandemia. São Paulo: SOF, 2021. p. 1-104. Disponível em: https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2021/04/210407_ummeiotempo_sof_08_rev.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

LABRADOR, Juana. Manejo del suelo en los sistemas agrícolas de producción ecológica. **SEAE-Sociedad Española de Agricultura Ecológica**, 2008. p. 1-47.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. vol. 1. Nova Odessa, São Paulo: Editora Plantarum Ltda, 1992.

SANTOS, Maria Rodrigues dos. Agroecologia e a luta pela terra. In: OLIVEIRA, Joana Cabral de et al (org.). **Vozes Vegetais**: diversidade, resistências e histórias da floresta. São Paulo: Ubu, 2020. p. 1-384.

VEASY, Elizabeth Ann; OLIVEIRA, Giancarlo Conde Xavier; ANDO, Akihiko; VENCOSKY, Roland. Variabilidade genética e estimativa de parâmetros genéticos para caracteres morfo-agronômicos em espécies brasileiras de arroz silvestre (*Oryza Spp.*) Águas de Lindóia: SBG editora, 2001.